



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

JOÃO DO RIO: O FRENESI DE SEU TEMPO

MÁRCIA DA SILVA COSTA

Rio de Janeiro
2021

MÁRCIA DA SILVA COSTA

JOÃO DO RIO: O FRENESI DE SEU TEMPO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português / Latim.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado

RIO DE JANEIRO

2021

CIP - Catalogação na Publicação

CC837j Costa, Márcia da Silva
JOÃO DO RIO: O FRENESI DE SEU TEMPO / Márcia da
Silva Costa. -- Rio de Janeiro, 2021.
37 f.

Orientador: Marcus Rogério Tavares Sampaio
Salgado.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Latim,
2021.

1. Literatura Brasileira. 2. João do Rio. 3.
Belle Époque. 4. tecnologias do início do século XX.
5. Crônicas-reportagens. I. Salgado, Marcus Rogério
Tavares Sampaio , orient. II. Título.

MÁRCIA DA SILVA COSTA

DRE: 115.160.701

JOÃO DO RIO: O FRENESI DE SEU TEMPO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português / Latim.

Data de avaliação: 09/ 06/ 2021

Banca Examinadora:



NOTA: 10,0 (dez)

Prof. Dr. Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado (UFRJ) -
Presidente da Banca Examinadora

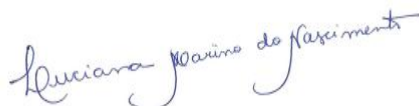


NOTA: 10,0 (dez)

Prof.^a Dr.^a Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)

MÉDIA: 10.0 (dez)

Assinaturas dos avaliadores:



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado: muito obrigada pela paciência, carinho e compreensão que o senhor teve comigo e pela excelente orientação que me foi dada.

Igualmente, agradeço aos professores que tive durante toda a minha graduação, em especial aos professores de Latim.

Agradeço ao meu marido Márcio por ter me dado força nos momentos mais difíceis da minha vida.

Agradeço ao meu sobrinho Guilherme, porque, se eu não o tivesse levado para fazer a prova do ENEM, com certeza eu não a teria feito.

Agradeço ao meu querido amigo Eduardo Patrick: você foi o motivo para que eu não tivesse trancado ou abandonado mais uma Faculdade, você faz parte da família que escolhi para a minha vida, te adoro! Tenho certeza que seu talento para será reconhecido mundialmente!

Agradeço *in memoriam* ao meu pai, que foi uma pessoa maravilhosa e sempre me apoiou em tudo, mas faleceu de câncer em 2015.

Agradeço *in memoriam* a minha mãezinha querida, que esteve acamada durante toda minha graduação, mas, infelizmente pegou a covid 19 e veio a falecer em Julho de 2020.

Agradeço *in memoriam* ao meu médico, que faleceu recentemente: obrigada por ter cuidado de mim.

Agradeço a Deus: Pois sua força me faz resistir aos obstáculos, pelos quais passei e ainda estou passando.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	6
1. AS MODERNIDADES TECNOLÓGICAS E A <i>BELLE ÉPOQUE</i> CARIOCA	11
2. JOÃO DO RIO E SUA ESCRITA FRENÉTICA IMPULSIONADA PELAS NOVAS TECNOLOGIAS.....	16
3. A IMAGEM DA CAPITAL TRANSMUTADA EM CRÔNICAS	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo traçar um paralelo entre as inovações tecnológicas - em especial o cinematógrafo e o automóvel - em confluência às transformações advindas da *Belle Époque* carioca, as quais foram de suma relevância para que Paulo Barreto atrelasse a sociedade à modernidade. Esta, por sua vez, seria a inspiração para que João do Rio imprimisse, em sua maneira singular de escrita, características híbridas entre o jornalismo e a ficção ao criar as inovadoras crônicas-reportagens.

No início do século XX, o então presidente do Brasil, Rodrigues Alves, determinaria que a Capital Federal fosse remodelada aos moldes europeus, para que o Brasil parecesse com uma potência econômica aos olhos dos estrangeiros. Para tal, o Rio de Janeiro teria que passar por transformações, tanto no âmbito estrutural, quanto no social, com a finalidade de atrair o capital adventício. As reformas ficariam a cargo do prefeito Pereira Passos, que colocaria em prática o projeto “Bota-abaixo”, de acordo com o qual se transfiguraria a cidade carioca na Paris dos Trópicos. Devido a isso, nota-se que a mundialização começasse a se refletir no Brasil. E, com ela, viessem as novidades tecnológicas, que, como já dito, transmutariam a vida da sociedade brasileira, em especial a da sociedade fluminense.

João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto nasceu no Rio de Janeiro, no dia cinco de agosto de 1881; veio a ter uma morte precoce, em virtude de um mal súbito, a bordo de um carro de aluguel, no dia vinte e três de junho de 1923, na mesma cidade. Nosso autor utilizava-se de várias máscaras (pseudônimos), inspirado no jornalista francês Jean Lorrain, cujo nome verdadeiro era Paul Durval. No entanto, ficou mais conhecido pelo pseudônimo de João do Rio, devido ao fato de ter um número imenso de textos assinados por este heterônimo. Tais “disfarces, máscaras ou pseudônimos serviriam para captar as diferenças físicas e culturais da cidade do Rio de Janeiro”, (GOMES, 1996, p.39). Devemos ressaltar que, ao usar máscaras distintas, Paulo Barreto, um homem elegante e esnobe, poderia visitar tanto ambientes elitizados, quanto morros e subúrbios, onde a população menos favorecida habitava. Vale salientar que João do Rio foi jornalista e escritor, um dos cronistas mais revolucionários e brilhantes da Cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.

Procuraremos, então, associar a influência das novas tecnologias que chegaram ao Brasil nos finais do século XIX e início do século XX, às transformações advindas das reformas feitas por Pereira Passos, que modificaram a estrutura urbana e a paisagem da Capital Federal, com a percepção do modo de organização da realidade a partir das

coordenadas de visibilidade e invisibilidade de João do Rio, o que nos parece ter sido um dos estímulos à dinamicidade, em face à sua maneira de escrever.

Traçaremos o percurso percorrido por João Paulo Barreto ao sair de seu gabinete e transitar pelas ruas da cidade e pelos salões refinados, usando a máscara do *flâneur*, à procura de assuntos interessantes para seus escritos, nos quais o literato imbuía suas impressões e reflexões no que tangia à velocidade com a qual se moviam as novas tecnologias – esta, em confluência com a modernização da cidade fluminense e suas consequências.

O cronista fundiu sua habilidade de escritor ficcional com a função de repórter, criando assim um hibridismo inédito, que rendeu uma imensa contribuição para o jornalismo e para a literatura brasileira. Comentava os acontecimentos, tanto dos populares miseráveis, quanto os da nova elite carioca, com sutileza e sarcasmo (ora se valendo de um tom grotesco, ora refinado), sem se deixar influenciar pelas situações apresentadas ao formular suas críticas irônicas e inteligentes.

O literato teve uma vida breve, podemos comparar sua curta existência à sua fixação pelo instante, pela dinamicidade e pela vertigem causada pela velocidade dos acontecimentos com que narrava em suas crônicas. João do Rio revolucionou de uma maneira frenética, a escrita dos textos literários e jornalísticos das primeiras décadas do século XX, com a chegada da *Belle époque* carioca.

Paulo Barreto foi observador e historiador de uma cidade em mutação - o progresso trouxe para a Capital Federal uma nova população: a burguesia formada aos moldes europeus tomou o lugar dos menos afortunados, que foram empurrados, juntos com os escombros, para fora da Paris dos trópicos. Constatamos, contudo, que nada era despercebido aos olhos ávidos do cronista-repórter.

João do Rio pertenceu a Academia Brasileira de Letras, mas, não parecia ser bem visto aos olhos de alguns de seus membros. Apesar de ter transformado de maneira inovadora a escrita literária e ter tido uma importância singular no jornalismo brasileiro, foi esquecido do mundo acadêmico após sua morte.

Nossa pesquisa pretende demonstrar a importância de João do Rio, tanto para a literatura, quanto para o jornalismo; e com isso resgatar a memória de um escritor brilhante e visionário, que contribuiu de forma esplendorosa e singular com seus textos sobre vários cenários da história literária brasileira. Dessa forma, visa-se a contribuir para o incentivo de novos estudos acerca das diversas facetas de Paulo Barreto, as quais foram suprimidas após seu falecimento precoce.

Para endossar nosso trabalho, selecionamos como *corpora* algumas crônicas retiradas dos seguintes livros: *A alma encantadora das ruas*, *Cinematógrafo* e *Vida vertiginosa*. Nossas escolhas foram pautadas para melhor demonstrar as conseqüências trazidas para a sociedade carioca no início do século XX, tanto no âmbito urbano, quanto no socioeconômico, em conjunto com a velocidade das tecnologias implantadas à época, que impactariam tanto os textos literários, quanto jornalísticos do nosso autor.

Nosso interesse pela escolha do Livro *a alma encantadora das ruas* se deu em virtude de querermos demonstrar as reflexões do nosso autor acerca da miséria instaurada pelas reformas sofridas pela Capital Federal, ao relatar e dar voz àqueles que pareciam ser negligenciados aos olhos da sociedade vigente. Em *Cinematógrafo*, abordaremos a forma de registros e impressões de nosso cronista, comparando a inovadora forma de escrita a flashes fotográficos e outros aparatos tecnológicos, no tangente às rápidas mudanças urbanas e sociais à época. Em *Vida vertiginosa*, demonstraremos a exaltação à modernidade, ao progresso tecnológico e as transformações frenéticas sofridas pela sociedade, em particular a nova *elite* carioca em detrimento aos menos afortunados. Devemos ressaltar que João do Rio testemunhou e relatou neste Livro a realidade da população fluminense, uma vez que tinha livre acesso tanto aos morros e periferias da cidade, quanto aos Salões requintados da classe mais abastada.

A metodologia selecionada para nossa monografia consistiu na investigação histórica acerca de nosso autor, bem como na investigação do contexto político, social e econômico vivenciado por ele, com fontes de pesquisa bibliográficas. Para parte teórica de *João do Rio: O frenesi de seu tempo*; escolhemos, além dos livros supracitados, historiadores e pesquisadores renomados, os quais darão respaldo ao nosso estudo. Para tratarmos das questões bibliográficas e estéticas em João do Rio, optamos pelas visões de João Carlos Rodrigues, Renato C. Gomes.

Com relação à parte histórica da Capital federal do início do século XX, suas conseqüências políticas, socioeconômica e urbanas, bem como a evolução tecnológica da época, optamos pelas visões de Nicolau Sevcenko, Renato Cordeiro Gomes, entre outros autores. Para melhor situarmos as percepções temporais e espaciais de Paulo Barreto com as novas tecnologias, em especial os transportes como eixo principal em suas crônicas, ressaltamos a perspectiva de Giovanna Dealtry.

Quanto à importância das tecnologias óticas como meio de percepção e alteração da realidade e sua influência na forma de enxergar a sociedade e a paisagem urbana, consagramos os estudos de Marcus Rogério Salgado. Ao nos referirmos às produções

jornalísticas de João do Rio, as representações sociais do cotidiano, em adição com as relações efêmeras das crônicas ao associar a vida cotidiana, hábitos e costumes, assim como a linguagem, a sintaxe, as estratégias de fragmentação de escrita, os *closes* utilizados pelo literato, decidimos contemplar os estudos de Antônio Edmilson Rodrigues, Renato C. Gomes e Mayra R. Gomes.

Delinearemos nosso trabalho em três capítulos, nos quais apresentaremos os acontecimentos que nos parece ter influenciado as crônicas inovadoras de nosso autor, posto isto, apresentaremos nossas averiguações.

No Capítulo 1, ressaltaremos a importância dos adventos tecnológicos (que, com a mundialização, chegaram ao Brasil em uma brecha secular entre os finais do século XIX e início do século XX), e a influência dessa modernidade na Capital Federal, a qual se transfiguraria na Paris dos Trópicos - tal transformação seria conhecida como a *Belle époque* carioca – bem como as consequências desta metamorfose, que foram de suma importância para a escrita irreverente de João do Rio. Apontaremos também o impacto das transformações sociais, urbanas e econômicas deste período, que incentivaram nosso autor ao transitar por uma cidade transfigurada, levando-o a fazer reflexões críticas acerca de uma nova classe abastada e o escombros resultante, os miseráveis marginalizados, os quais o cronista repórter deu visibilidade social em seus escritos híbridos, as inovadoras crônicas reportagem.

No capítulo 2, procuraremos demonstrar como as modificações urbanas e tecnológicas impulsionaram a escrita frenética de João do Rio, em especial o automóvel e o cinematógrafo. Suas crônicas passariam a ser mais dinâmicas, com uma sintaxe mais curta, como a velocidade do instante exigia. A criatividade do literato era latente, procurava lançar mão de novas estratégias, neologismos, psicologias reflexivas, etc. A efemeridade dos fatos frente à velocidade da modernidade impulsionou nosso autor a um futuro imediato refletido em seus textos.

No capítulo 3, destacaremos a visão e reflexões feitas por João do Rio, um visionário, acerca dos hábitos e costumes da população da capital fluminense, após as reformas de Pereira Passos. A drástica divisão social, o luxo, a miséria, os vícios, a ruína abjeta do progresso avassalador, a imagem utópica de uma cidade metamorfoseada, a paisagem urbana transmutada por inovações tecnológicas que soterraram as lembranças de outrora. Os registros históricos que Paulo Barreto averbou em suas crônicas, que posteriormente foram transformados em livros. Tais escrituras, atualmente, nos alertam para o quão pernicioso pode ser uma evolução desmedida.

Nas considerações finais de nossa pesquisa, procuramos demonstrar a influência acerca da *Belle époque* carioca e as novidades tecnológicas que inspiraram, na nossa perspectiva, as crônicas frenéticas de João do Rio. Não se pode deixar de salientar, contudo, o objetivo da transmutação da cidade: o de apagar os resquícios do Império em prol da República, transfigurando o cenário urbano e socioeconômico, o que trouxe uma dualidade para a população, a nova elite e os miseráveis excluídos da sociedade, o que não foi despercebido pelos ávidos olhos do nosso cronista.

Ressaltamos a importância de Paulo Barreto tanto para a literatura, quanto para o jornalismo brasileiro. Bem como a relevância de João do Rio, um escritor visionário, cujas observações, reflexões e percepções acerca dos acontecimentos à época, fizeram com que suas crônicas inovadoras, fossem preservadas em livros e até os dias de hoje permanecem como parâmetros para as crônicas jornalísticas.

1. AS MODERNIDADES TECNOLÓGICAS E A *BELLE ÉPOQUE* CARIOCA

Assim, para entendermos a imagem-miragem de uma cidade moderna e cosmopolita em circulação nas primeiras décadas do século XX, surge a necessidade de se avaliar a força e os efeitos impressos pelas novas técnicas sobre a percepção ao longo do processo de configuração da modernidade estética.

(PEIXOTO, *Passagens urbanas*, 2004).

Para melhor entendermos as mudanças literárias ocorridas no final do século XIX e conseqüentemente, no início do século XX, far-se-á necessário averiguarmos as inovações técnicas que surgiram com a industrialização mundial. Segundo Salgado (2018, p.21) “entre a técnica e arte já se movia, assim, a escrita no século XIX, sob o forte impacto do industrialismo e de uma nova atitude cultural diante da tecnologia.”. No campo da imagem, surgiram os dioramas, a fotografia, o cinema, entre outros; já no campo do movimento, a aceleração foi frenética, foram substituídos os carros de boi, por trens, bondes e finalmente os automóveis. Tais modernidades alterariam as percepções da realidade em decorrência do relacionamento com as produções estéticas textuais da época, essas passariam a ser mais dinâmica. De acordo com Salgado, “[...] a prosa apressada, para consumo imediato, da crônica-folhetim persiste o esforço por assimilar à narrativa elementos da paisagem urbana, fazendo ver a cidade.”(SALGADO, 2018, pág.24). Vale ressaltar que a vida passou da calma para o agito, fazendo assim com que a literatura acompanhasse essa dinamicidade.

O cinema e a fotografia são sempre mencionados em referência a dispositivos técnicos de alto impacto sobre a arte verbal. Mas a verdade é que, de igual forma, uma série de outras inovações no campo da técnica que os precederam ou que foram contemporâneas colaboraram para a deflagração de processos de alteração da percepção, em especial na paisagem urbana, em inícios dos oitocentos. Nesse sentido, embora não esteja diretamente ligado à tecnologia ótica, um dos primeiros dispositivos técnicos a transformar radicalmente a percepção e o modo de ver a vida na cidade foi o bonde – ao qual sucederam o trem e o automóvel. (SALGADO, 2018.p.14).

No início do século XX a Cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente entre 1902 a 1906, o então presidente da República Rodrigues Alves em nome do progresso iniciaria uma grande reforma na Capital da República, que passaria por mudanças significativas, a então capital fluminense sofreria um processo de reforma urbana, a chamada *Belle époque* carioca. A cidade carioca seria remodelada aos moldes Europeus, mais precisamente, teria por inspiração Paris. Tais modificações teriam como objetivo a consolidação da República no

Brasil, transformando, portanto, a cidade carioca na imagem refletida do novo regime. O Rio antigo seria assolado pela modernidade, “transformação da cidade e da sociedade, que abandonavam as velhas tradições do tempo do império para ingressar na aventura da modernidade” (RODRIGUES, 2006, p. X).

O então prefeito da Cidade carioca Pereira Passos em conformidade com o Governo Federal administraria seu famoso projeto Bota-abaixo, onde tudo que representasse o passado Colonial atrasado seria demolido em prol do desenvolvimento, a cidade velha seria apagada para sempre, trazendo novidades não muito condizentes com a realidade do país. A imagem de um Rio insalubre e perigoso precisava ser dizimada. Essa atitude promoveria um certo distanciamento das origens portuguesas, mas, ao mesmo tempo, contribuiria para a modernidade, “transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia quem se lhe pudesse opor” (SEVCENKO, 1983, p.30). O Rio sucumbiria à modernização.

A sociedade carioca deveria ser elitizada aos moldes dos burgueses europeus - mais precisamente dos franceses. O Rio afrancesava-se era a paródia da época, a civilização moderna chegava ao século XX, as ruas estreitas davam lugar a *boulevares*, casarões imperiais portugueses antigos eram demolidos, e em seu lugar, surgiam edificações ao estilo *art nouveau*. Nascia a *Belle époque* carioca, “pardieiros em que se abarrotava grande parte da população pobre, a fim de que as ruelas acanhadas se transformassem em amplas avenidas, praças e jardins, decorados com palácios de mármore e cristal e pontilhados de estátuas importadas da Europa” (SEVCENKO, 1983, p.29), ainda de acordo com o teórico, “capital que ficou conhecida como a “Paris dos Trópicos” transforma-se na vitrine do país, enquanto a nova Avenida é a vitrine da sociedade, passarela do esnobismo e do mundanismo presentes.” (SEVCENKO, 1998, p.29). O progresso tomaria conta da cidade, a população deveria acompanhar as transformações, contudo, já não haveria espaço para uma classe inferior, porque o Rio civiliza-se.

Era preciso, pois, findar com a imagem de cidade insalubre. A população mais pobre foi despejada e banida do centro da cidade para o entorno dos morros ou para subúrbios distantes, a miséria florescia na capital da república, mendigos e pedintes infestavam o Rio; era como uma praga que Pereira Passos não demoraria a eliminar (SEVCENKO, 1983.p.34).

A Capital Federal seria a cidade do luxo e da fantasia, “eliminação de esmoleres, pedintes, indigentes, ébrios, prostitutas e quaisquer outros grupos marginais das áreas centrais da cidade” (SEVCENKO, 1983, p.34). O prefeito do Rio decretaria uma reforma sanitária, a

qual visaria à solução para o problema de saneamento básico e da higienização da cidade; havia a necessidade de vacinar a população, devido a doenças endêmicas, como varíola, tifo, febre amarela, entre outras. A emergência da erradicação de doenças tropicais se fazia imperativa aos padrões da nova cidade, bem como a extinção da população de rua.

O progresso era urgente, a reforma da zona portuária seria considerada uma das mais importantes à época, pois era a artéria principal do consumismo, os produtos importados tinham uma alta demanda na nova *urbes*. Precisamos salientar que a abertura de grandes avenidas foi primordial, dentre as quais a Avenida Central, que foi considerada o ícone da modernidade carioca.

Além de apresentar toda uma infra-estrutura técnica das mais desenvolvidas para os padrões brasileiros da época, com cabos de luz, fios de telefone e tubos de gás subterrâneos, além de tecnologias modernas de calçamento viário, a Avenida Central apresentou toda uma significação do progresso material como propiciador da civilização, como era típico entre as elites republicanas, primeiramente, por ser uma perspectiva que se iniciava como derivação do porto “a Avenida Central originava-se junto a este, que era a representação máxima do progresso material brasileiro”. (AZEVEDO, 2003, p.41).

O Rio deveria se transformar na imagem da civilização com uma população aburguesada composta por políticos, fazendeiros e comerciantes. A nova elite carioca presenciava os novos avanços tecnológicos como o cinema, o parque gráfico, o teatro, os cafés, o bonde elétrico e os automóveis, entre outras inovações.

Com as transformações advindas da chamada *Belle Époque* carioca, a vida passaria a ser frenética, com isso, a velocidade das produções jornalístico-literárias, cuja aceleração já se fazia presente na escrita do século XIX tornar-se-ia imprescindível. Contudo, havia a necessidade de captar na escrita as percepções que alteravam o movimento da realidade em relação ao modo de observar a vida cotidiana e as alterações paisagísticas da cidade metamorfoseada, “a prosa apressada, para consumo imediato, da crônica-folhetim persiste o esforço por assimilar à narrativa de elementos da paisagem urbana, fazendo ver a cidade.”(SALGADO, 2018,p.31), conjugar-se-ia ao novo dinamismo dos acontecimentos do início do século XX.

Dados os vasos comunicantes estabelecidos diretamente entre periodismo e literatura e os efeitos das inovações no horizonte técnico percebidas desde o século XIX, para entender o processo de configuração da modernidade estética (sobretudo em seus aspectos perceptuais), o exercício de uma espécie de arqueologia do olhar em espaço urbano se revela precioso,

justamente porque é necessário, colaborando para se aferir em que grau e extensão a escrita (jornalística e literária) das primeiras décadas do século XX absorveu, em suas estruturas mais profundas (tanto as estilísticas quanto as ligadas às instâncias de organização do pensamento), as alterações de percepção engendradas pelos dispositivos óticos que prenunciaram a fotografia e o cinematógrafo. (SALGADO, 2018, p.34).

Com o advento da fotografia e do cinematógrafo a reprodução das imagens compilava-se em uma visão vertiginosa e acelerada dos acontecimentos do cotidiano urbano, os quais se refletiam em prosas apressadas, “a fragmentação do tempo na prosa da modernidade carioca é possível encontrar a angústia, a ansiedade presente em relatos nos quais o lastro identitário do passado desaparece para oferecer um presente encenado em fotogramas.” (DEALTRY, 2018, p.198). O jornal passaria a ser um veículo de informações imediatas; tal dinamicidade deve-se também a velocidade dos meios de transporte, em particular ao automóvel, os bondes e os trens, que promoveriam visões distorcidas da vida e das paisagens urbanas, tais transportes proporcionariam um novo olhar diante de objetos, que, de dentro dessas traquitanas, adquiriam imagens irreais, desenhos distorcidos. As paisagens e as árvores se deformavam perante aos olhos; trajetos demorados e apreciados passariam a ser vistos como um breve lampejo; “Assim como encurta a distância no espaço, o automóvel encurta tempo e papel na escrita. Encurta mesmo as palavras [...] A literatura é ócio, o discurso é impossível.” (RIO, 1911, p.6).

Foi na alucinação sem tréguas, na constante mutação das casas, avenidas e ruas que se mexem, se alargam, se transformam, se endireitam, que o cronista com o faro e a fidelidade de um repórter se destacou nas nossas letras. A sua literatura e seu jornalismo não poderiam ter sido diferentes do contexto da época. Seu estilo original e suas colaborações literárias demonstraram legitimamente o frenesi descontrolado e permanente que vigorava na superfície da virada do século no Brasil, que teve em Paulo Barreto – sua verdadeira identidade – um dos nomes mais prestigiados da imprensa emergente. (GOMES, 2005, p.34).

Consideramos ressaltar que a *Belle Époque* carioca trouxe diversas contribuições para a literatura e o jornalismo da cidade fluminense; contudo, há de convir que tais adequações, modificariam o perfil dos habitantes na Capital da República, a miséria deveria ser banida em prol da elite moderna. Tais acontecimentos vão influenciar diretamente o comportamento de Paulo Barreto, bem como seu modo de ver e escrever a realidade da Capital Brasileira.

Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e mentalidade do carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia o

que pudesse se opor a ela. Quantos princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose (...): a condenação dos hábitos e costumes ligados à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento ligado à cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante - uma política rigorosa de expulsão dos grupos de populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 2003, p.45).

As transformações urbanas e sociais, que caracterizaram a *Belle Époque* carioca, fizeram com que João do Rio, por meio de sua crônica, entrelaçasse a história, a literatura e jornalismo, retratando assim a sociedade da sua época. Em 1904, escreveu seu primeiro *bestseller*, *As Religiões do Rio*, baseado em reportagens investigativas sobre práticas religiosas do Rio de Janeiro. O livro tinha um estilo vivo, ágil e trepidante de apresentar as informações nada condizentes com a Sociedade Afrancesada da época, uma vez que mostrava facetas nada civilizadas do povo da capital da República.

O escritor, em suas andanças, observava a cidade e seus habitantes; com frequência, apareciam, em seus escritos, os becos, as ruas e antros escondidos de dia e à noite. O autor criticava sutilmente algumas mudanças que a modernização de Pereira Passos trouxera para a cidade, esta a ser posta abaixo: aquela cidade de sua infância já não existia mais, pois o objetivo da burguesia e do Estado era de eliminar da sociedade a população mais pobre do centro e jogá-la para a periferia, dizimando, na mesma intensidade célere das novas tecnologias, com as referências do Rio antigo.

2. JOÃO DO RIO E SUA ESCRITA FRENÉTICA IMPULSIONADA PELAS NOVAS TECNOLOGIAS.

A rua continua matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários e as palavras que inventa, criando o calão e o patrimônio clássico dos léxicos futuros.
(JOÃO DO RIO, *A alma encantadora das ruas*, 1908).

João do Rio teve influência de Émile Zola em sua escrita, por ser admirador de suas obras naturalistas e realistas, as quais influenciaram no estilo que compõe “*A alma encantadora das ruas*”, obra esta que aborda problemas sociais. Outro autor no qual o literato se inspirou foi o Francês Jean Lorrain, que incitou, em nosso autor, uma atração pelo torpe e pela perversidade, que foi exacerbada por uma hiperestesia, para além do jornalista francês. Tais informações demonstravam o porquê João do Rio era considerado um modelo de escritor *Art nouveau*. Paulo Barreto tinha um estilo silencioso, sem discussões teóricas acaloradas, que combinava a arte local, com a o não local; criava neologismos e palavras estrangeiras abrasileiradas, que eram inseridas em seu cálamo. Nosso autor também herdou um tom decadentista do escritor Irlandês Oscar Wilde.

A paisagem literária também foi modificada por meio da técnica; em João do Rio, é notória essa mudança estilística, em virtude de que sua narrativa foi marcada pela presença de elementos tecnológicos que fazia com a percepção das pessoas fosse alterada, e começou a produzir literatura em série. O seu fascínio pelo universo tecnológico se refletia no conteúdo dos seus textos.

As crônicas do jornalista literato foram influenciadas pela modernidade desse século, modernidade essa marcada pela industrialização ascendente e pelas inovações técnicas, dentre as quais se podem apontar os realejos, os bondes elétricos, o cinematógrafo, o registro do som, os automóveis, a luz elétrica, a vida noturna, a cartofilia, o parque gráfico, classes sociais emergentes, enfim, a mundialização. Isto provocou uma aceleração da vida da época em questão, que acabou por refletir na escrita do cronista, a qual, efetivamente, teria de evoluir com a mesma rapidez frenética / dinamicidade do momento. Para dar conta disso, uma de suas estratégias foi a de estruturar sua escrita muitas vezes por breves diálogos. Uma característica a ser comentada é a natureza híbrida de suas obras, uma vez que se configuravam como uma mistura de jornalismo e literatura, denominada de crônica-reportagem. Além disso, João do Rio também navegava por outros mares, promovendo debates no campo das ideias e conceitos científicos (como os relacionados ao âmbito da

psicanálise, fundamentados por Freud), e convidando para enquetes escritores, pintores e literatos para externar seus posicionamentos sobre diversos assuntos.

Constatamos outro fator importante que influenciaria os textos de Paulo Barreto, seu testemunho aos processos políticos que levariam à Proclamação da República. Nosso autor acompanharia de perto a instalação das primeiras indústrias no país, o que alteraria a paisagem da cidade do Rio de Janeiro e toda configuração estrutural econômica brasileira. O literato passaria a fazer suas reflexões não mais em seu gabinete; passaria a perambular pelas ruas, observando com mais avidez as transformações que estavam ocorrendo, tanto no âmbito estrutural, quanto no âmbito social da realidade carioca. O jornalista, ao sair a campo, flanava pelas ruas à caça de assuntos, investigando todo o cenário transmutado, além de fazer enquete e entrevistar populares das mais exóticas linhagens e inseri-los como personagens reais de suas histórias; "Para compreender a psicologia das ruas não basta gozar-lhe as delícias [...] É preciso ter espírito. Vagabundo, cheio de curiosidades mansas e os nervos com desejo. Incompreensível. é preciso ser aquele que chamamos de *flâneur* [...]" (RIO, 2007, p.17).

A crônica criada por João do Rio corresponde às novas dimensões encenadas na modernidade. Ao sair da redação para as ruas, como simples *flâneur*, repórter investigativo ou entrevistador, o escritor traz novas territorialidades, vozes excluídas pelo projeto de nação, e temporalidades conflitantes com o futuro inaugurado, simbolicamente, pela Avenida Central. É possível afirmar que dentre a vasta produção do autor, destaca-se uma vertente ligada à cidade oitocentista, colonial, negra, que resiste nas frestas da cidade oficial. O cronista aqui deambular por ruas e becos desconhecidos pelas elites, prisões, favelas, registrando o cotidiano doloroso das camadas populares. (DEALTRY, 2018, p.198).

João do Rio degustaria com todos os sentidos das inovações tecnológicas, as mudanças dos paradigmas até então vigentes, apreciando as reações aos estímulos sonoros e visuais de uma forma mais dinâmica; presenciaria uma nova relação do ser humano com o tempo e o espaço através da utilização do bonde elétrico e do automóvel. Vale ressaltar que o homem não somente passaria a ser capaz de percorrer grandes distâncias em pouquíssimo tempo: passaria também a perceber a realidade do mundo borrada, distorcida, como se fosse vista em um vislumbre pela janela do automóvel, movendo-se em velocidade alucinante à época.

Agora é correr para frente. Morre-se depressa para ser esquecido d'alli a momentos; come-se rapidamente sem pensar no que se come; arranja-se a vida de pressa, escreve-se, ama-se, goza-se como um raio; pensa-se sem

pensar no amanhã que se pode alcançar agora. Por isso “o Automóvel” é o grande tentador. Não há quem lhe resista. (RIO, 1911, p.9).

O progresso em convergência com inovações tecnológicas foram componentes motivadores para que Paulo Barreto imprimisse um teor frenético em suas crônicas, cujas críticas sutis eram feitas em uma linguagem rebuscada, além da originalidade dos neologismos criados pelo autor. Devemos ressaltar que algumas estratégias utilizadas por João do Rio para constituir sua escrita eram reverberadas nas tecnologias que avançavam à época, fazendo com que seus escritos parecessem ter uma dinamicidade singular. Salientamos aqui, que a peculiaridade a ser comentada é o hibridismo de suas obras, uma vez que se configurava em uma mescla entre o jornalismo e literatura. Contudo, nosso autor não apenas reportava os fatos por ele observados, imprimia suas reflexões acerca dos acontecimentos, historiava a realidade vivida nas ruas, “[...] os alicerces do sistema opressivo da República Velha. [...]” (RODRIGUES, 2010, p.253). Além disso, o cronista também tinha fixação com o instante e nada mais natural, que se refletisse em seu trabalho, as características efêmeras e a velocidade da modernização do cenário da cidade carioca do início do século XX.

Nosso jornalista literato era um entusiasta das inovações tecnológicas, em especial o automóvel, que incitou João do Rio a escrever a crônica “A Era do Automóvel”, na qual o teor constante eram os relatos de conversas a bordo de um carro, os trajetos emocionantes feitos em alta velocidade, ou mesmo os embarques e desembarques das traquitanas, que passaram a integrar a paisagem da cidade.

[...] com o relógio na mão e ganhando vertiginosamente tempo ao tempo. Que ideias fazemos do século passado? Uma ideia correlata a velocidade do cavalo e do carro. A corrida de um cavalo hoje, quando não se aposta nele e o dito cavalo corre numa raia, é simplesmente lamentável. Que ideia fazemos de ontem? Ideia de bonde elétrico, esse bonde elétrico, que deixamos longe em dois segundos. O automóvel fez-nos ter uma apuradora pena do passado. Agora é correr para frente (RIO, 1911, p.14).

O novo dinamismo da vida e as novas técnicas modernas de reprodução da imagem condensam-se no cinematógrafo, como se representassem uma visão vertiginosa de representações tradicionais da identidade pessoal e cultural, pois a aceleração dos acontecimentos arrasta cada cidadão a se confrontar com o movimento do Mundo.

O *Cinematógrafo* que serve de alegoria a uma nova tendência estética caracterizada por João do Rio, sendo, no “prefácio ao volume *Cinematógrafo*”, publicado em 1909, no qual sintetiza: “a crônica evoluiu para a cinematografia” (RIO, 1909: x), cunhando, nesta mesma

oportunidade, a conhecida expressão “cinematógrafo de letras” (RIO, 1909: x; SALGADO, 2016). Deve-se salientar que Paulo Barreto em *Cinematógrafo* mimetizava sua escrita como por meios de movimentos visuais, fazendo assim uma analogia entre literatura e cinema; dessa forma, a visão fundia-se nos signos literários, apresentando informações fraturadas, nas quais a comunicação era fixada no instante, tornando sua escrita mais veloz, o que resultava em um espriamento similar a flashes num lampejo visual dos acontecimentos da metrópole descrita com todas as suas cores e paisagens, “a projeção de imagens móveis, luminosas e agitadas na tela do cinema escuro afeta de modo intenso simultaneamente a percepção visual e a imaginação” (SEVCENKO, 2008, p.520). Em *Cinematógrafo*, Paulo Barreto adverte que nosso cérebro é um projetor gigante, no qual as fitas são passadas por devaneios, “Ao demais, se vida é um cinematógrafo colossal, cada homem tem no crânio um cinematógrafo de que o operador é a imaginação.”- prefácio (RIO, 1909, p.V).

Uma fita, outra fita, mais outra... Não nos agrada a primeira? Passemos à segunda. Não nos serve a segunda? Para adiante então! Há fitas cômicas, há sérias, há melancólicas, picarescas, fúnebres, alegres, algumas preparadas por atores notáveis para dar a reprodução idealizada de qualquer fato (RIO, 1909, p.III).

As crônicas de João do Rio passariam a ter a fluência acelerada do segundo, a efemeridade da breve captação de assuntos diversos, a imensa sucessão dos acontecimentos do cotidiano, sempre superficial, sem se aprofundar muito, apresentava aos seus leitores um panorama diversificado da cidade se metamorfoseando a olhos vistos. Paulo Barreto se utilizava de uma gama diversificada de assuntos em seus textos, “devido ao seu caráter circunstancial e efêmero [...] a crônica ganha a sua modernidade atrelada à vida das cidades [...] mudanças tecnológicas afetam a sensibilidade e a percepção humanas” (GOMES, 2005, p.30).

A crônica evolui para cinematografia era reflexão comentário, o reverso desse sinistro animal do gênero indefinido a que chamam: artigo de fundo. Passou o desenho e a caricatura. Ultimamente era fotografia retocada, mas sem vida com delírio apressado de todos nós, é agora cinematográfica – um cinematógrafo de letras, o romance da vida do operador de labirinto dos fatos, a vida alheia e da fantasia-, mas o romance da vida em que o operador é personagem secundário arrastado na torrente de acontecimento. Está é sua feição, o desdobramento de fitas, que explicam tudo sem reflexões [...] (*CINEMATÓGRAFO*, 1909: X).

Os textos de Paulo Barreto tiveram uma influência singular no que diz respeito ao cinematógrafo, quando sua criação literária passou a inserir procedimentos formais construídos em analogias intermitentes aos movimentos eletromecânicos. A produção de suas crônicas passou a ter interrupções sintáticas, de montagens fotográficas e de uma pulsação, que lhe inferiram uma nova dinâmica temporal e espacial, “[...] a um estilo que lançará mão do corte, da montagem, do *close*, se planos de enquadramento, traços tomados ao cinema e a sua linguagem [...] que associa a visualidade a uma sintaxe [...]” (GOMES, 2002, p. 97-98).

João do Rio tendia por escolher os temas de suas crônicas que refletissem o processo de modernização da Capital Federal e nas inovações técnicas advindas da industrialização, principalmente, no espelhamento sofrido pela sociedade fluminense devido à modernidade. O cronista tinha um verdadeiro fascínio pela dinamicidade da tecnologia industrial implantada na cidade, em especial pelo automóvel e sua velocidade vertiginosa. Contudo, seus escritos reverberavam na celeridade de todos os aparatos tecnológicos.

Com a inauguração da Avenida Central, houve a proliferação de salas cinematográficas, que foram ampliadas e melhoradas; os homens já se acostumavam com o desenvolvimento tecnológico, os fonógrafos, as fotografias, as fitas de cinema, telefones, telégrafos, propagandas ilustradas, carros, bondes elétricos etc. A aceleração, concorrência e individualismo eram os sintomas da época, causando conflitos existenciais e problemas emocionais, que, por sua vez, eram compensados em jogos de azar.

O automóvel traria ao indivíduo uma revolução na percepção do tempo e do espaço, o que permitiria vencer distâncias consideráveis em pouquíssimo tempo. Mais ainda, a Capital Federal fora reurbanizada seguindo a lógica do automóvel e as limitações geográficas da cidade tornar-se-iam extremamente dificultosas.

Destarte, o automóvel tornar-se-ia o símbolo de uma nova era, “A Era do Automóvel”, na qual o autômato é retratado como uma espécie de divindade, “Automóvel, o Senhor da Era, Criador de uma nova vida, Ginete Encantado da transformação urbana, o Cavalo de Ulisses posto em movimento por Satanás, Gênio inconsciente da nossa metamorphose”, (RIO, 1911, p.11), o automóvel seria o “destruidor do bucolismo ultrapassado dos tempos idos” (RODRIGUES, 2006, p.XVI). É fato que tal traquitana alteraria o cotidiano da cidade fluminense, tal realidade célere, ficaria bem registrada nas palavras do nosso autor, “ação começada e logo acabada” (RIO, 2006, p. 09). O autômato representava o símbolo da efemeridade época, o desejo, a sedução, os homens sentiam-se poderosos na posse de tal objeto perturbador.

Paulo Barreto captava o instante dos acontecimentos da modernização, o frenesi desvairado proveniente das novidades tecnológicas, demonstrava em seus escritos a importância do momento e suas consequências para aquela nova sociedade elitizada.

Podemos observar tal particularidade, na crônica intitulada “Os Sentimentos dos Estudantes d’Agora”, na qual o literato, ao entrar em um carro de passeio, começa a refletir acerca do ensino moderno, com um ar nostálgico; o cronista rememora os mestres de outrora e da forma com a qual os alunos aprendiam as letras, as sílabas para formar palavras; o saber era transmitido como fotografias em uma fita de cinema. Mas, salienta que nesse futuro imediato, os discentes nutriam ódio, uma dada repugnância e insubordinação aos seus professores. Tais jovens, pertencentes à nova elite, eram protegidos por suas heranças materiais; com esse respaldo, não davam valor ao verdadeiro conhecimento. As Academias de ensino estavam em decadência, já que não havia respeito aos seus preceptores.

A intensidade da vida moderna estava impregnada de “ambição, de fúria e de velocidade” (RIO, 1911, p.61). Destarte, que a celeridade imperava num potencial exacerbado, em que os jovens, apressadamente, pulavam etapas, lançando-se precocemente ao trabalho ou mediante a obtenção de conhecimento empírico fora das Instituições de ensino. A consideração feita pelo cronista parece tanger a diferença de gerações, na qual a juventude advinda da burguesia desprezava o passado e se respalda no futuro, numa espécie de egoísmo pessoal. Quando se deu conta, João do Rio encontrava-se, a certo momento, no interior de um automóvel, a ser guiado por um motorista de apenas quinze anos de idade quando, de súbito, o carro falha. Nesse momento, o cronista oferece auxílio ao motorista, que nega peremptoriamente a intervenção do passageiro, por não entender disso. Constata então, que o autômato era conduzido por um menino com a mesma idade dos estudantes das suas reflexões.

O carro sacudiu-se numa convulsão, deslizou, partiu rápido. Então, como a minha reflexão estava resolvida a continuar, tornei a pensar que tinha razão. O attestado-symbolo de quanto eu disser ia comigo: -- aquelle menino de quinze annos a quem eu entregára a minha vida e que seguia orgulhoso sem me dar importância, inteiramente entregue a ebriedade de vencer distâncias. Os estudantes tinham a mesma idade. Como comprehender o Respeito no momento da Velocidade? (...) oh deuses immortaes. Já não seria moço, já teria horror de ser considerado velho, já não gozaria na vida o prazer do ser intensamente d’agora...(RIO,1911, p.67).

Devemos salientar a crônica “O Último Burro”, na qual João do Rio intensifica a velocidade da modernização da *urbe*, ao representar a passagem de um Brasil Imperial (e em

transição para ainda incipiente regime democrático) para um país com a República Velha já consolidada e ávida para ingressar na modernidade, nesta onde o automóvel tornar-se-ia o marco da supremacia sobre os meios de transporte mais lentos, tais como o carro de tração, as carroças, os bondes.

Eu via o ultimo burro que puxara o ultimo bond na velha disposição da viação urbana. Certo, o burro é desses destinados ao olvido immediato. Entre a força electrica e a força das quatro patas não ha que escolher. Ninguém sentirá saudades das patas, com o desejo de chegar de pressa. [...] Entre a força eléctrica e a força das quatro patas não há que escolher. Ninguém sentirá saudades das patas, com o desejo de chegar de pressa. O burro do bond não terá nem missa de sétimo dia após uma longa vida exaustiva de sacrificios incomparáveis (RIO, 1911, p.343-328).

No trecho citado, fica explicita a analogia, que João do Rio fazia entre a modernidade representada pela energia elétrica, e o passado suprimido, enterrado, no qual o burro se fazia presente; era a velocidade da luz contra a lentidão animal, o qual definharia no esquecimento. Em outras palavras, a crônica, com sua dinamicidade frenética, suplantaria os folhetins de outrora.

João do Rio, ao datilografar suas ideias, parecia buscar imprimir em seus textos métodos semelhante aos das inovações técnicas de seu tempo. A sua literatura e o seu jornalismo mimetizavam o contexto social da época, o que seria classificado pelo literato como um cinematógrafo de letras. Contudo, as ruas eram o elemento determinante em sua inspiração, pois nelas se encontrava a paixão, os imprevistos, o movimento necessário para compor seus textos, “Ora a rua é mais do que isso, a rua é um fator das cidades, a rua tem alma!” (RIO, 1908). As ruas passaram a ser o objeto de trabalho para João do Rio, “foco de observação” (GOMES, 1966, p.68). É a partir das ruas que o cronista despontava sua originalidade, tanto como literato, quanto como repórter. Necessita-se salientar que a modernidade se refletia na *urbe*, que se tornava em um completo repertório para o trabalho, principalmente no que tangia ao afastamento da população menos favorecida para as periferias, “surpreende sua aguda consciência em relação aos tempos modernos e seus paradoxos, aos rumos que ia tomando a modernização num país da periferia da modernidade” (Gomes, 2005, p.42).

Desse modo, ancorado no presente, partindo da observação do cotidiano, que lhe fornece os assuntos, o cronista não abre mão de testemunhar o seu tempo, de ser seu porta-voz. [...] Nesse sentido, o cronista é observador, testemunho, historiador muito especial de sua contemporaneidade, que tem

consciência da fluidez dos fatos e acontecimentos que configuram o cotidiano, tal qual um jornalista, que os cronistas, profissionalmente, também o são, quase sempre. (Gomes, 2005, p.30).

Paulo Barreto não apenas retratava os fatos ocorridos e as mudanças estruturais e comportamentais da cidade carioca, o cronista observava, e analisava minuciosamente, tais assuntos, além de fazer reflexões e tecer comentários subjetivos, acerca do seu ponto de vista, os quais eram impressos em seus escritos híbridos que misturavam reportagem com ficção. Em “Visões d’Ópio”, a linguagem utilizada funcionava como demarcador de fronteira entre o mundo do narrador e o ambiente que ele descreve. Ele faz uso de uma série de metáforas hiperestésicas, sobre o ar, a luz, a aparência das coisas e pessoas que, claramente, o fazia sentir asco. João do Rio vocifera “A atmosfera pesada, oleosa, quase sufoca. [...] O ambiente tem cheiro inenarrável, os corpos movem-se como larvas de um pesadelo” (CASTRO, 2007, p. 83-84).

Contudo, percebia-se claramente, em algumas crônicas como “A Decadência dos Chopps” e o “Velho Mercado”, um movimento de passagem entre a descrição do Rio antigo e o Rio de Pereira Passos, que muito se aproximava do efeito cinematográfico conhecido como *crossfade*(ing), uma transmutação, cujas sequências de imagens e sons davam lugar a outras através de uma transição suave. Destarte, João do Rio utilizou-se deste recurso na crônica “As Mariposas de Luxo”, que falava sobre mulheres operárias que vislumbravam e cobiçavam os artigos importados nas vitrines da cidade, mas nunca poderiam comprá-los; o luxo pertence à elite. Vejamos o trecho o qual retratou a Rua do Ouvidor ao entardecer:

É à hora indecisa em que o dia parece acabar e o movimento febril da Rua do Ouvidor relaxa-se, de súbito, como um delirante a gozar os minutos de uma breve calma. Ainda não acenderam os combustores, ainda não ardem a sua luz galvânica os focos elétricos. Os relógios acabaram de bater, apressadamente, seis horas. Na artéria estreita cai a luz acinzentada das primeiras sombras — uma luz muito triste, de saudade e de mágoa. Em algumas casas correm com fragor as cortinas de ferro. No alto, como o teto custoso do beco interminável, o céu, de uma pureza admirável, parecendo feito de esmaltes translúcidos superpostos, rebrilha, como uma jóia em que se tivessem fundido o azul de Nápoles, o verde perverso de Veneza, os ouros e as pérolas do Oriente. [...] Há um hiato na feira das vaidades: sem literatos, sem poses, sem flirts. Passam apenas trabalhadores de volta da faina e operárias que mourejaram todo o dia. [...] Como são feios os operários ao lado dos mocinhos bonitos de ainda há pouco! (RIO, 1908, p. 62).

Podemos averiguar no trecho supracitado, as percepções sensoriais, os sentimentos, a sonoplastia das ruas expressadas na linguagem do cronista, cujas impressões eram

transmitidas aos leitores, que penetravam na realidade mimetizada pela escrita. Devemos ressaltar outra estratégia estética na escrita de João do Rio, na qual o cronista buscava reproduzir a paisagem urbana como uma experiência vertiginosa, uma experiência marcada por um aglomerado de estímulos de uma neurose intensificada, ou seja, por uma hiperestesia, como podemos observar em “Velhos Cocheiros”:

Entretanto, pelas mesmas ruas, a corrida aumentava e era uma disparada louca entre vociferações, sons de corneta, tren-ten-tens de bondes, estalar de chicote. Quando passamos o túnel num fracasso de metralha e demos nos campos de Copacabana, a velocidade foi vertiginosa, e era apenas vagamente que se divisavam, fugindo à sanha dos fon-fons, ao estrépito das rodas, a linha de fiéis da redondeza marginando o capinjal e, à esquerda, num diadema de estrelas, a iluminação da Igrejinha. Recostei-me. O automóvel saltava como um orango ébrio, no piso mal. De repente fez uma curva e entrou numa rua cheia de gente, de carros, de outros automóveis. Estávamos no grande sítio. (RIO, 1909. p. 53).

Devemos salientar que a paisagem vista através da janela do automóvel, de forma rápida, sucessiva, fragmentada de uma forma imagética, assemelhava-se aos fotogramas reproduzidos por um cinematógrafo. Mais ainda, ao caracterizar o automóvel como um “reformador das formas lentas”, João do Rio dava ênfase à imagem distorcida (anamorfose) que os objetos apresentavam de dentro de um automóvel, devido à velocidade vertiginosa da traquitana à época. Senão, vejamos:

Não, eu não penso assim. O meu amor, digo mal, a minha veneração pelo automóvel vem exactamente do typo novo que Elle cria, preciso e instantâneo, da acção começada e logo acabada que Elle desenvolve entre mil acções da civilização, obra Sua na vertigem geral. O automóvel é um instrumento de precisão phenomenal, o grande reformador das formas lentas. [...] Graças ao automóvel a paysagem, morreu — a paysagem, as arvores, as cascatas, os trechos bonitos da natureza. Passamos como um raio [...] (RIO, 1909. p.21-24).

Destarte, João do Rio exprime a sua opinião acerca da paisagem modificada em sua estrutura devido à abertura de ruas, grandes avenidas, até na velocidade do automóvel. Este transfiguraria vertiginosamente a paisagem tropical restante dos escombros das reformas sofridas pela Capital Fluminense, que antes era inerte ao olhar, passaria a ficar disforme devido à velocidade da traquitana, afetando a percepção e a sensibilidade da população, o que seria um paradigma a dinamicidade dos escritos do nosso autor.

3. A IMAGEM DA CAPITAL TRANSMUTADA EM CRÔNICAS

Mas era um progresso prudente, no tempo em que nós éramos prudentes. Os antigos triunfadores ficaram para sempre perdidos na ilusão do triunfo, que breve, sempre breve, é para toda vida a inutilizadora dos existentes humildes
(JOÃO DO RIO, *Vida vertiginosa*, 1911).

Procuraremos destacar nesta sessão a visão de Paulo Barreto acerca da dualidade da população da Capital fluminense, após as reformas de Pereira Passos, registradas em suas crônicas como um historiador de uma nova era.

João do Rio era expectador de uma cidade em contrassenso, o dito progresso tornar-se-ia uma obsessão da nova burguesia, uma vez que, o Rio estando desenvolvido, atrairia capital estrangeiro, que era preciso para modernização e industrialização. Todavia, tal progresso traria uma equivalência europeia em todos os sentidos, e extinguiria as revoltas de oposição ao governo, que gerariam crises políticas e despesas públicas. Não muito surpreendentemente, sabe-se que a conta do progresso foi paga pelos menos afortunados ”o saneamento urbano, desenvolvimento comercial, ampliação da arrecadação fiscal e capitação de mão-de-obra estrangeira” (ABREU, 2006, p.43) – é conhecido por todos que, só para construção da Avenida Central, foram despejadas, por conseguinte, mais de vinte mil pessoas, além de dois mil imóveis demolidos, sem qualquer ressarcimento ou realocação. As ruas estreitas e tortuosas foram alargadas, os casarões e palacetes da época Imperial foram destruídos. O Rio de Janeiro expandiu-se para as periferias, em face de que as dimensões eram maiores; o povo foi empurrado pelo progresso.

A era da velocidade trás a luz, uma realidade transfigurada de uma sociedade moderna. João do Rio vislumbrava os acontecimentos dos salões burgueses, mas não deixava de ignorar a destruição social que os tempos modernos trouxeram para uma cidade despreparada para uma avalanche tecnológica. O cronista mencionava em seus textos suas reflexões sobre as distorções do cenário social e urbano da Paris tropical.

Paulo Barreto, ao sair de seu gabinete, à caça de suas reportagens, inovou a arte de escrever crônicas ao deambular pelas ruas e bairros da cidade, tal como o *flâneur* de Walter Benjamin, observando com sua avidez o microcosmo da elite carioca à procura de experiências dignas de sua pena. Ao flunar pelas ruas cariocas, o autor se utilizava de uma psicologia singular, ao fazer enquetes e entrevistas com pessoas anônimas e com transeuntes desfavorecidos pelas reformas estruturais da *urbe*, presenciando e relatando as ambiguidades da capital federal, se utilizando de uma multiplicidade ímpar, ora jornalista, ora literato, ora

artista, no que tangia a multiplicidade de João do Rio, há de salientar “faz-se múltiplo, para captar o efêmero, o contingente, o circunstancial, que é o mundo moderno atrelado ao universo urbano marcado pela mudança” (GOMES, 2005, p.29). A mudança fez-se avassaladora, no que tange a configuração da paisagem carioca, a qual foi transfigurada por edificações aos moldes europeus, abriram-se ruas, *boulevares*, avenidas pelas quais a população menos avantajada foi empurrada para bairros afastados do centro e para morros aos arredores da nova cidade luz.

Um Rio antigo e Imperial e a cidade moderna de Pereira Passos. O mundo luxuoso das elites em contraponto ao recrudescimento das condições de trabalho das camadas mais pobres. O fascínio pelas inovações tecnológicas e pelo remapeamento urbano contrastado com o pessimismo ante a degradação moral da sociedade e a eclosão de bolsões de exclusão dos alijados da modernidade, os marginalizados.

O literato transitava entre o submundo e a elite, a miséria e o luxo, o vício e a graça. As diversas formas de sua linguagem também eram oscilantes: o cronista, frequentemente, contrapunha a desgraça à beleza natural da *urbe*, pela qual tinha fascínio. Em seus textos, existia um lado da representação mundana, pois ele descrevia as atividades sociais e econômicas da sociedade e seus hábitos em tal perfeição, que seus textos, hoje em dia, servem de registros documentários da época. Então, ao lê-lo, o seu interlocutor passava a ter uma experiência de sabores, moda, religião, gastronomia, arquitetura, tecnologias, prazeres (cigarros, bebidas, ópio), urbanismo etc.

A escrita de João do Rio reagia aos processos sociais do início do século XX, no que tangia aos grupos marginalizados da sociedade, aos menos favorecidos desprovidos de quaisquer benefícios do governo, aos despejados de seus lares que deram lugar aos luxuosos palacetes da elite emergente da cidade fluminense.

Meu amigo, do Rio verdadeiro dentro de dez anos não haverá senão a vaga recordação. As avenidas, a luz eléctrica, o cáes, tudo isso e mais o impeto com que o paiz novo acordou para o progresso, inteiramente modificaram os nossos hábitos que eram, com tanto encanto, hábitos coloniaes, hábitos portuguezes aclimatados. Dentro de dez anos, o Rio terá o dobro dos habitantes, umas quarenta companhias trabalhando diariamente e ninguém reparará nessas mudanças de hábitos. (RIO, 1909. p. 183).

Ao mimetizar a realidade carioca do novo século, Paulo Barreto procurava dar voz aos miseráveis expulsos para os subúrbios e aos que foram habitar os morros, donde do alto

vislumbravam um mundo utópico fantasiado pelas novas tecnologias, no qual a burguesia fluminense residia, era a “superfície do mundo observado”, (GOMES, 1996, p.97).

[...] a atração por esse mundo degradado e degradante, que ele, marcado pela hiperestesia, pode também denunciar. Sem abdicar de sua máscara de dandy vestido com figurino de Paris ou de Londres, que cobriam o corpo gordo que deambulava pelos lugares elegantes da capital, João do Rio podia dar-se o luxo de visitar o submundo carioca. (GOMES, 1996, p.77).

No livro *A alma encantadora das ruas*, Paulo Barreto procura dar escopo aos excluídos e invisíveis à sociedade carioca, aos que ficavam ocultos pela escuridão das ruas ou pelo descaso imposto pela ganância da nova elite fluminense. Na crônica “A Fome Negra”, em que o cronista fazia referência ao trecho da Ilha da Conceição assim denominado, local onde, à época, servia como entreposto da exportação de minérios - sobretudo carvão mineral e manganês - para a Europa, João do Rio denunciava não somente a rotina de trabalho excruciante a que se submetiam os carvoeiros, ou simplesmente “carregadores de pedras”, com jornadas de mais de uma dezena de horas de trabalho, sendo explorados sem descanso, e mal tinham tempo de se alimentar. A maioria desses trabalhadores era imigrantes advindos da península ibérica, os quais desembarcaram ali para trabalhar e nunca sequer pisariam na capital federal, pessoas que arrebentavam seus corpos e abriam mão de sua dignidade para que enriquecer a elite:

[...] limitam o Brasil às ilhas do trabalho, quando muito aos recantos primitivos de Niterói. Há homens que, anos depois de desembarcar, nunca pisaram no Rio e outros que, quase uma existência na ilha, voltaram para a terra com algum dinheiro e a certeza da morte. Vivem quase nus. No máximo, uma calça em frangalhos e camisa de meia. Os seus conhecimentos reduzem-se à marreta, à pá, ao dinheiro; o dinheiro que a pá levanta para o bem-estar dos capitalistas poderosos; o dinheiro, que os recurva em esforços desesperados, lavados de suor, para que os patrões tenham carros e bem-estar. (RIO, 1908, p.69).

E é com invulgar repulsa que, em “Os que começam”, João do Rio expressa a exploração infantil, até hoje ainda não erradicada ou minimamente remediada; uma horda de pobrezinhos sacrificados, explorados por pais, padrastos, madrastas ou parentes inescrupulosos, a mendigar pelas ruas cariocas, submetidos a um grande terror psicológico e vítimas de castigos físicos, caso não alcancem a “meta” do dia. Tal qual um repórter investigativo - e esta é uma característica marcante na escrita de nosso autor, muito embora se perceba em suas crônicas um tratamento semiótico ficcional, mais próximo de uma obra

literária do que uma reportagem – o jornalista-literato passa a entrevistar diversos menores, dentre elas Judite, de oito anos:

Não há decerto exploração mais dolorosa que a das crianças. Os homens, as mulheres ainda pantomimam a miséria para lucro próprio. As crianças são lançadas no ofício torpe pelos pais, por criaturas indignas, e crescem com o vício adaptando a curvilínea e acovardada alma da mendicidade malandra. [...] Judite, com oito anos, moradora à Rua da Lapa, andava com o pai pelo subúrbio, tocando realejo. O pai fingia-se de cego, e como um cidadão descobrisse a patifaria, é ela só quem esmola, atacando as senhoras, pedindo algum dinheiro para a mãe moribunda. Laura e Amélia, filhas da senhora Josefina têm um irmão que aprende o ofício de carpinteiro, moram na Rua da Providência e passam o dia a arranjar dinheiro para a mamã mais o padrasto. — E o padrasto, que faz? — Dá pancada na gente quando não se anda direito. (RIO, 1908. p.80-81)

Paulo Barreto escreveu crônicas para dar visibilidade às pessoas que habitavam uma cidade incógnita, uma população ignorada, rejeitada ou simplesmente invisível aos olhos da burguesia carioca. Vale lembrar que João do Rio, em “*A Alma encantadora das ruas*”, dedicou diversas crônicas aos cariocas invisíveis, como as prostitutas, mendigos, viciados, presidiários, entre outros, como em- “Crimes de Amor”, “Dia das Visitas”, “As Mulheres Mendigas”, “Sono Calmo”. Segundo Mayra Gomes, um sujeito, para refletir a respeito das condições sociais, “é preciso considerá-lo como passível de um exercício de razão enquanto pode tomar a si suas ações e as da comunidade como objeto de seu pensar” (GOMES, 2003, p. 34). Ao vislumbrar essa população menos favorecida, o cronista fazia uma reflexão acerca do escombros populacional abandonado pelo poder público da Capital Federal.

As constantes mudanças de forma alucinógena na capital, onde tudo se encontrava em transformação sem tréguas. O frenesi descontrolado da virada do século no Brasil se refletia com fidelidade nas letras do cronista mancebo, “João do Rio, mais jovem, cujas possibilidades de carreira se abriram com o advento da República, assinala a ampla difusão, os efeitos de mitificação e dos modos de celebração entusiasmados dessas mudanças vertiginosas”. (SEVCENKO, 1998, p.24).

Paulo Barreto observava com seu olhar aguçado de repórter-cronista a onda de futilidade, de prazeres, de inebriamento, que a modernidade trouxera para uma cidade despreparada para ser a “utopia do país” (GOMES, 2005), “surpreende sua aguda consciência em relação aos tempos modernos e seus paradoxos, aos rumos que ia tomando a modernização num país da periferia da modernidade” (Gomes, 2005, p.42).

A elite fluminense, nos moldes europeus, tinha como princípio premissa a valorização do efêmero, do instante, porque a vida moderna é dinâmica e transitória. Não se mediam esforços para se conquistar o objetivo almejado. A celeridade imperava nesse frenesi desvairado, num ciclo vicioso da roda da Fortuna. Vigorava na Capital Federal a futilidade da nova elite que substituiriam rapidamente os valores morais e os bons costumes pelos bens materiais e pela beleza efêmera que o dinheiro poderia pagar. Os parâmetros da nova sociedade eram tortuosos, o que importava era a aparência idealizada imposta a um cenário imaginário de perfeição de uma cidade fantasiosa e tudo que destoasse dessa dita perfeição deveria ser esquecido, soterrado e apagado das lembranças de outrora.

Os princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional. A negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada [...] desfrute exclusivo das camadas burguesas.” (SEVCENKO, 1983, p.30).

A sociedade carioca girava acerca de negócios, os novos ricos exibicionistas, que demonstravam seu status à presença de seu automóvel; já as mulheres trajavam vestes elegantes, as quais ostentavam em bailes nos salões requintados; a nova elite já não tomava mais café, mas, chá às cinco da tarde ao modo inglês nos seus palácios, “crystal transparente para que poderosos reflectores eléctricos possam dar aos convidados por meio de combinações habeis, impressões imprevistas; reproduções de quadros célebres [...]” (RIO, 1911, p.339).

João do Rio conjuraria a transmutação da cidade com o advento do automóvel, em que tal autômato seria o símbolo da riqueza, muitas das vezes no tocante a um jogo de interesses interpessoais onde o poder econômico suprime os valores morais da sociedade. Havia a necessidade de ser visto, a beleza estética seria fundamental à nova elite que emergia na capital; ser fotografado e sair em colunas de jornais passariam a ser uma meta a ser cumprida, a luxúria, a ganância, o poder econômico deveriam ser conseguidos a qualquer preço por esta sociedade inescrupulosa. As crônicas dos grandes jornais representavam fielmente as riquezas emergentes da época, “transbordavam a embriaguez de felicidade, o abarrotamento de satisfação que enchia a cidade [...] a crônica social teria uma importância básica nesse período de riquezas movediças” (SEVCENKO, 1983, p.37-38). A nova burguesia refletia todo esplendor da época, no entanto, não se davam conta de que todo esse *glamour* era fútil, efêmero e precível como todos os adventos da modernidade.

João do Rio relatava, com fidedignidade, em suas crônicas, as transformações no comportamento na sociedade Fluminense: citaremos “*Modern Girls*”, crônica na qual o nosso autor retratou a degradação moral da sociedade à época. A pena do nosso autor discorreu sobre dois amigos, que, dentro de um café, testemunharam a mãe de duas jovens que as acompanhava num encontro com dois rapazes, servindo de “contrapeso” a um passeio de automóvel. A crônica faz uma reflexão no que se referia à degradação feminina, a futilidade acima dos valores morais, pois a matriarca da família incitava as filhas a se deixarem seduzir pelos rapazes que alugaram um carro.

O homem brasileiro transforma-se, adaptando de bloco a civilização; os costumes transformam-se; as mulheres transformam-se. A civilização creou a suprema fúria das precocidades e dos appetites. Não ha mais crianças. Há homens. As meninas que, alias sempre se fizeram mais depressa mulheres que os meninos homens, seguem a vertigem. E o mal das civilizações, com o vicio, o cansaço, o exgottamento, dá como resultado das crianças pervertidas. (RIO, 1909 p. 106).

Com o fluxo populacional crescente na grande metrópole carioca, a nova sociedade ficou exposta e passível aos vícios, visto que, tais compulsões funcionam como estratégias para uma fuga da realidade torpe aliada ao frenesi crescente e vertiginoso da competitividade pelo status da riqueza. Uma das válvulas de escape que surgiu à época foi à jogatina: os salões se tornariam um antro para o parasitismo e conquista de dinheiro fácil, sendo o crédito o influenciador das amizades - sem ele, só restariam a ruína, a exploração e a desonestidade.

Em “Jogatina”, João do Rio abordou a maneira pela qual a nata da sociedade carioca se entregava patologicamente a uma compulsão por jogos de azar; loterias, jogo do bicho, carteados, rinhas, cassinos, etc. - mimetizando o apetite voraz de homens e mulheres, pessoas comuns e autoridades, todos ávidos pela ganância do dinheiro:

De repente, sem que ninguém percebesse por que, todos nós, com afinco, conhecimentos práticos e mesmo erudição, tornamos a descobrir que a cidade continua a ser, não a terra dos cinematógraphos, não o paiz dos melomanos, não o paraíso das « cocottes », mas apenas o reino da batota. Sim, cá estamos numa desenfreada e arruinadora jogatina. Não é Monte Carlo. E' peor. E' incomparavelmente peor. Não é Cascaes, não se assemelha a nenhuma cidade de cura e de passeio do mundo porque reúne todas as cidades de cura e as que adoecem a gente nesse appetite desenfreado do jogo. Joga-se nos cavallos, nos gallos, na loteria, no bicho, na renda da Alfandéga, no final da loteria, nas sommas de diversas producções commerciaes, nas flores, na electricidade, na hypothese de ganhar; joga-se em todas as ruas, em cada canto. (RIO, 1911, p. 127).

Essa cobiça exorbitante, motivada pelo desejo de dinheiro e poder, se tornaria a marca de uma elite emergente extasiada pelas miragens produzidas por uma cidade utópica, na qual, o progresso suplantou os verdadeiros paradigmas de uma sociedade. Um mundo glamoroso, arrasado por uma onda de futilidades, onde muitos pagavam um preço muito alto por seu ingresso, fortunas eram perdidas, amizades eram respaldadas em riquezas, a desvergonha imperava nos vícios que foram atribuídos pela ilusão da nova era. Paulo Barreto, com seu passaporte fidalgo, transitava despercebido pelos antros da perdição, refletindo e reportando a glória dos fracassados em suas crônicas.

João do Rio tinha uma linguagem própria da sua personalidade complexa e de suas máscaras. A sua psicologia adotava o tom das ruas, ora cínico, grotesco, rebuscado, pessimista, elegante, etc. Eram muitas personalidades refletidas e impressas em suas críticas e reflexões mimetizadas em seus textos.

A velocidade das produções jornalístico-literárias, resultado do advento das máquinas de escrever e do parque gráfico, conjugava-se ao movimento frenético das ruas, aos desfiles da burguesia, nos quais os homens ostentavam cartolas e casacas, e às mulheres, vestidos de renda francesa, o que não fazia sentido algum, em face do calor presente nos trópicos.

Nosso cronista, ao retratar tantas mudanças à medida que o progresso se apressava, constatava que os jornais de hoje embrulhariam o peixe de amanhã, a memória não poderia ser apagada, como em um breve lampejo. O cronista, historiador de sua época, ao vislumbrar um futuro imediato, notaria a necessidade de catalogar suas crônicas em livros para constarem como relatos para posteridade.

A prática escritural de João do Rio, ao recolher dos periódicos o material que estrutura o livro, revela que essa outra materialidade articula outra dimensão temporal e estabelece um novo regime discursivo, não mais considerando apenas cada crônica, esse gênero volátil, em sua autonomia (descartável como no jornal), mas materializado nas sequências narrativas, que, com os fragmentos, compõem um novo todo, enfeixado num novo objeto, na tentativa de superar o efêmero e de buscar outra duração, que salve do tempo a escritura, aquela mesma que se submete à tirania dos dias. (GOMES, 2005, p.35).

Paulo Barreto era visionário, o que fica explicitado na crônica “O Dia de um Homem em 1920” – na qual o cronista faz reflexões acerca da evolução das inovações tecnológicas, que iriam do aerobus (bonde-aéreo) às estenografias, e ainda cogitava uma vida hipotética para o “homem do futuro”. A história ficcional mimetiza um homem automatizado pela tecnologia; no texto, João do Rio faz uma espécie de previsão da vida vindoura, que seria basilada na

ansiedade, na pressa, num movimento acelerado, cuja meta seria o poder. O cronista relatou um prelúdio do futuro, no qual não existiria fronteira de tempo e espaço, “as ocupações cada vez maiores, as distâncias cada vez menores e o tempo cada vez menos” (RIO, 1911, p.334). O chamado Homem Superior desejava tudo de uma vez, aproveitando o tempo reduzindo-o a cada vez mais, tal homem não tinha tempo, pois seu tempo era curto, não viveria mais de trinta anos, aos doze já estaria calvo, não daria importância à vida, sua dinâmica diária era reduzida a uma rotina mecânica programada por compromissos profissionais e sociais, segundo o autor, “não se conversa o sistema de conversa é por abreviaturas” (RIO, 1911, p.336); vários acontecimentos em um instante, não havia tempo, sendo-lhe interdito sair do *schedule* pré-definido, o que, dadas as devidas proporções, trazem elementos de identificação com o homem do século XXI. Vale ressaltar, que Paulo Barreto morreu na década de vinte do século passado.

— Para frente! Para frente! Tenho pressa, mais pressa. Caramba! Não se inventará um meio mais rápido de locomoção? E cae, arfando, na almofada, os nervos a latejar, as têmporas a bater, na anciã inconsciente de acabar, de acabar, de acabar, enquanto por todos os lados, em disparada convulsiva, de baixo para cima, de cima para baixo, na terra, por baixo da terra, por cima da terra, furiosamente, milhões de homens disparam na mesma anciã de fechar o mundo, de não perder o tempo, de ganhar, lucrar, acabar...(RIO, 1911. p.357).

Assim como, o “homem do amanhã” da crônica referida foi afetado por avanços científicos de uma forma não muito positiva, hoje em dia, a tecnologia afeta de um modo avassalador a qualidade de vida humanidade.

Destarte, a importância de João do Rio, um literato brilhante e futurista, que além de transformar as crônicas brasileiras, deixou-nos um imenso acervo histórico e literário do início do século XX. Nosso autor foi um verdadeiro idealista, cuja memória foi apagada da literatura, após sua precoce morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Morre-se de pressa para ser esquecido d'alli a momentos; come-se rapidamente sem pensar no que se come; arranja-se a vida de pressa, escreve-se, ama-se, goza-se como um raio; pensa-se sem pensar no amanhã que se pode alcançar agora.

(JOÃO DO RIO, *Vida Vertiginosa*, 1911).

No início do século XX, um jovem literato presenciou e captou com sagacidade a modernização da Capital Fluminense e o surgimento de novos aparatos tecnológicos, o que parece ter tido uma influência singular na forma inovadora de suas crônicas. Paulo Barreto mesclou a ficção literária com a reportagem, criando um novo gênero de escrita, as crônicas-reportagens.

Para compreendermos melhor a dinamicidade frenética e o processo híbrido e autêntico característicos das crônicas de João do Rio, fizemos um retrocesso finssecular ao século XIX, para exaltar a importância das novas tecnologias, da industrialização, assim como a visão de alguns escritores europeus que ressaltavam para o modo diferenciado de escrita do jornalista literato. “Em João do Rio, percebe-se um encantamento com o universo tecnológico e tal fascínio reverbera no conteúdo dos textos” (SOUSA, 2009, p.36).

Nossa pesquisa nos possibilitou demonstrar o olhar astucioso de Paulo Barreto para com os miseráveis resultantes da *Belle époque* fluminense, motivo pelo qual nosso autor resolveu flunar pelas ruas e morros da cidade atrás da realidade cruel dos menos afortunados, à procura de matérias que refletissem, fidedignamente, os escombros sociais deixados pela modernização da cidade. Tais informações ficam bem explicitadas nas crônicas do livro *A encantadora das ruas*.

Em *Cinematógrafo*, João do Rio procurou reproduzir em sua escrita os movimentos ópticos das fitas, fazendo assim uma simetria entre literatura e cinema; dessa forma, a visão fundia-se nos signos literários, apresentando informações fraturadas, nas quais a comunicação era fixada no instante, o que tornava seus textos mais acelerados, por consequência, captava a breve efemeridade acerca de assuntos diversos do cotidiano da *urbe* descritos em suas crônicas, as quais eram apresentadas sem muito aprofundamento aos seus leitores.

No que tange ao Livro *Vida vertiginosa*, João do Rio deixa exposta a sua paixão pelo automóvel e pela celeridade proporcionada pelas novas tecnologias, “Em substituição à sege e ao bonde, a assunção do automóvel, na primeira metade do século XX, favoreceu uma maior

e mais acelerada superficialidade com que os homens se relacionavam” (CHAUVIN, 2013, p.130). Nosso escritor incorporou a modernidade à drástica transformação da sociedade burguesa carioca, baseada nos costumes e hábitos europeus, os quais não eram condizentes com a realidade do Rio de Janeiro. Paulo Barreto captava o instante dos acontecimentos da modernização num frenesi desvairado acarretado por ela, com isso demonstrava em seus escritos a importância do momento e suas consequências para aquela nova sociedade elitizada.

Nosso autor tinha liberdade para comparecer aos salões de elite carioca, contudo, também freqüentava os morros e periferias habitados pelos excluídos da sociedade, de onde, com maestria, coletava assuntos diversos para suas crônicas. O literato adotou novas estratégias de escrita em suas narrativas que, juntamente com as novas técnicas de impressão, davam uma agilidade maior em sua produção. O jornalismo passou a ser um veículo de informações imediatas; com isso, a pena de nosso autor discorria com a mesma rapidez frenética das transformações modernas.

João do Rio fazia psicologia nas ruas! Suas entrevistas e enquetes passaram a ser descritas em diálogos curtos. Nosso autor se utilizava de uma linguagem rebuscada, fazia neologismos, utilizava-se de palavras estrangeiras, bem como abrigava algumas, narrava o torpe, o mundano em um tom exacerbado pela hiperestesia, visto que suas crônicas eram dirigidas às classes mais abastadas, como uma crítica velada.

Vale citar a excelência das crônicas utilizadas em nossa pesquisa, que expressaram como João do Rio, o pseudônimo mais famoso de Paulo Barreto, observou, refletiu e retratou com êxtase, em seus textos, a captação instantânea e vertiginosa de uma sociedade em transição, tanto comportamental, quanto estrutural, relatando o que há de mais belo e de mais devastador em uma metamorfose urbana e social desmedida.

João do Rio presenciou e registrou, com fascínio de um homem visionário, uma avalanche de acontecimentos advindos da modernização, que trouxe intensas mudanças ao cotidiano de indivíduos despreparados, trazendo consigo a percepção de uma realidade distorcida que afetava os costumes e valores de uma sociedade em transição. Paulo Barreto, em sua breve vida, foi espectador de um tempo em aceleração afetado por um processo de modernidade frenética, o que refletiu diretamente na forma diferenciada de escrever suas crônicas.

Por fim, *João do Rio: o frenesi de seu tempo* nos parece ter cumprido seu objetivo, que foi o de traçar uma analogia entre as inovações tecnológicas - em especial, o cinematógrafo e o automóvel - em convergência com as transformações advindas da *Belle Époque* fluminense,

as quais foram imprescindíveis para que Paulo Barreto jungisse a sociedade à modernidade. Esta, por sua vez, seria a motivação para que João do Rio incutisse, na forma original de seu cálam, peculiaridades híbridas entre o jornalismo e a ficção ao criar as inovadoras crônicas-reportagens.

Nossa monografia pretendeu corroborar com a relevância de João do Rio, tanto para a Literatura, quanto para o Jornalismo; e com isso restaurar a biografia de um escritor brilhante e visionário, que contribuiu de forma esplêndida e única com a erudição de seus textos sobre diversos aspectos dos cenários da história literária brasileira. Dessa forma, visa-se a favorecer, para o estímulo de novas pesquisas acerca das diversas especificidades de Paulo Barreto, as quais foram suprimidas após seu falecimento precoce.

Ressaltamos ainda a importância de Paulo Barreto como historiador de seu tempo, um escritor futurista, cujas observações, reflexões e percepções acerca dos acontecimentos à época, fizeram com seu acervo icônico fosse preservado em livros; entretanto, sua exuberante coletânea, infelizmente não é, de fato, esquadrinhada pela literatura brasileira. Apesar disso tudo, suas inovadoras crônicas-reportagens permanecem como parâmetros para os jornalistas até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de A. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2006.

AZEVEDO, André Nunes de. *A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana*.

Revista Rio de Janeiro. Vol. 1, n. 10. mai/ago 2003. Ed. UERJ/LPP.

CASTRO, Gustavo de. “A palavra compartilhada”. In: CASTRO de Gustavo e GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CHAUVIN, Jean Paul. *João do Rio e outras vozes: a literatura detrás do volante*. Todas as musas. n.02. p.127-136. Jan-jun, 2013.

DEALTRY, Giovanna. “Escrever entre coches e automóveis”; percepções temporais e espaciais em João do Rio – in: NEGREIROS, Carmem, OLIVEIRA, Fátima, CHAUVIN, Jean Paul, GENS, Rosa. *BELLE ÉPOQUE: EFEITOS E SIGNIFICAÇÕES*. São Paulo: ABRALIC, 2018. *E.book*. Disponível em: <http://abralic.org.br/downloads/e-books/e-book05.pdf>. Acesso em: 21 jan.2021.

GOMES, Mayra R. *Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar*. São Paulo: Harcker/Edusp, 2003.

GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio: vielas do vício, ruas da graça*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: RioArte, 1996.

GOMES, Renato Cordeiro. “De superfícies e montagens: um caso entre o cinema e a literatura”. In: OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER, Karl Erik (Orgs). *Literatura e Mídia*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

GOMES, Renato Cordeiro. “*João do Rio: o artista, o repórter e o artifício à entrada de uma modernidade periférica*”. In: João do Rio por Renato Cordeiro Gomes. Rio de Janeiro: AGIR, 2005.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Senac, 2004.

RIO, João do. *Psychologia urbana*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911.

_____. *A alma encantadora das ruas*. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Paris: Garnier, 1908.

_____. *Cinematographo: crônicas cariocas*. Porto: Lello & Irmão, 1909.

_____. *Vida Vertiginosa*. Paris: Garnier, 1911.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *João do Rio: a cidade e o poeta - olhar do flâneur na belle époque tropical*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

_____, João Carlos. *João do Rio: vida, paixão e obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SALGADO, Marcus Rogério Tavares Sampaio. “A metrópole em obras: literatura e fotografia na figuração da imagem da cidade moderna no periodismo da *Belle époque tropical*” - in: _____ *Terra roxa e outras terras*. Revista de Estudos Literários; Volume 32: dezembro de 2016.

_____, Marcus Rogério Tavares Sampaio, Salgado. “A fresta para o infinito”: escrita, arqueologia urbana e mídia ótica- in: NEGREIROS, Carmem, OLIVEIRA, Fátima, CHAUVIN, Jean Paul, GENS, Rosa. *BELLE ÉPOQUE: EFEITOS E SIGNIFICAÇÕES*. São Paulo: ABRALIC, 2018. *E.book*. Disponível em: <<http://abralic.org.br/downloads/e-books/e-book05.pdf>>. Acesso em: 21 jan.2021.

SEVCENKO, Nicolau. “A inserção compulsória do Brasil na *Belle Époque*”. In: _____ (org). *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____, Nicolau. Introdução. In: _____ *História da vida privada no Brasil - República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____, Nicolau. *Literatura como missão: tensões culturais, sociais e criação cultural na/República*. São Paulo: Brasiliense, V.4 Ed.1995. Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, P. DE C. *João do Rio: o repórter com alma de Flâneur conduz a crônica-reportagem na Belle époque tropical*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Santa Maria. 2009.